

Zé Renato

“É Tempo de Amar”

Novas emoções: uma jovem guarda como você nunca ouviu

Como se sabe, embora não se saiba bem porque, a música brasileira moderna é pródiga em grandes intérpretes femininas e em grandes compositores que cantam, mas parca em grandes intérpretes masculinos. Ainda são poucas, mas muito poderosas, as mulheres vitoriosas como compositoras, como Rita Lee, Marisa Monte e Ana Carolina. Mas são ainda mais raros os nossos grandes cantores que não interpretam suas próprias canções, como João Gilberto, Cauby Peixoto e Emilio Santiago.

Outros cantores maravilhosos, como Roberto Carlos, Milton Nascimento e Djavan, além de soberbos intérpretes, são excelentes compositores, ou vice versa. Já Caetano Veloso, Paulinho da Viola e Gilberto Gil fizeram outro caminho, se consagraram como compositores e se tornaram impecáveis intérpretes, não só de suas obras. É nesse time de craques que Zé Renato conquistou sua vaga, com sua voz doce e seu estilo discreto e elegante de interpretar um repertório de alto nível.

Compositor respeitado e cantor amadurecido na dura disciplina dos conjuntos vocais, em décadas de Boca Livre, já como solista, Zé Renato havia reinterpretado a obra de Silvio Caldas, de Zé Kéti e de Chico Buarque em discos notáveis, com prêmios e críticas consagradoras. Agora ele oferece a mais bonita, elegante e sofisticada releitura da Jovem Guarda já feita até hoje. E a mais surpreendente.

Com produção precisa e inventiva de Dé Palmeira, o disco é uma seleção de clássicos aparentemente ingênuos e simplórios da Jovem Guarda, vestidos luxuosamente por arranjos e instrumentações que dão um tratamento rítmico e harmônico moderno e sofisticado às popularíssimas canções que embalam os jovens dos anos 60 e sempre foram desprezadas pela MPB que se dizia autêntica e dona do bom gosto musical.

Zé Renato prova que era puro preconceito. Que, como a rosa de Gertrude Stein, uma boa canção é uma boa canção é uma boa canção. Mas dependerá sempre de como é cantada e tocada, o que a fará mais moderna ou antiga, mais clássica ou contemporânea, mais brega ou mais chique. No caso deste disco raro, esses conceitos todos se misturam e se dissolvem em cada faixa com naturalidade, e a voz límpida de Zé Renato flui como um rio em lindas canções de amor e de juventude que desafiam o tempo, divertindo, alegrando e emocionando os que as ouvirem.

PS – Uma tarde, Zé Renato e Patricia Pillar apareceram na minha casa e ele me mostrou uma gravação que havia feito de um clássico da jovem guarda para ser o tema da “Flora”, de “A Favorita”, que Patricia estava começando a gravar. Era lindo, suave e surpreendente, sofisticado e simples ao mesmo tempo. Zé me

pediu sugestões para um próximo disco e, com a bola quicando na área, chutei em gol: ah, faz um disco inteiro de grandes músicas da jovem guarda com esse tratamento instrumental e vocal sofisticado. E argumentei: Se o que a velha MBP sempre reclama da jovem guarda é a “pobreza harmônica”, seus problemas acabaram! Chegou o disco de Zé Renato com novas versões de clássicos da jovem guarda como você nunca ouviu.

PS 2 – A canção-tema entrou na novela, mas quase não tocou: era muito suave e delicada para a perversa e malvadíssima Flora. Mas serviu de pretexto para um lindo disco.

Nelson Motta

Zé Renato

“É Tempo de Amar”

Criado em berço de ouro musical, Zé Renato nem ouviria, pelo menos em tese, as canções românticas da Jovem Guarda. Quiçá tivesse vontade de cantá-las. Mente, coração, ouvido abertos, contudo, é isso que ele faz em “É tempo de amar”, seu novo CD pelo selo MP,B, com distribuição da Universal Music, no qual recria velhos sucessos da JG à sua maneira, ou seja, com harmonizações mais sofisticadas, tratamento instrumental mais moderno, inserindo aquelas baladas e rocks na melhor tradição evolutiva da música brasileira.

Mas afilhado de Silvio Caldas, filho da bossa nova, lançado por Edu Lobo, tendo com ídolo maior Milton Nascimento, membro fundador de um dos mais sofisticados grupos vocais do país (o Boca Livre), voz pura como água (apud Hermínio Bello de Carvalho), violonista limpo e de harmonias inusitadas, compositor de melodias lindas e complexas, artista moderno, o que Zé Renato teria com as canções simples e nostálgicas da Jovem Guarda?

“Meu primeiro violão, presente de meu pai aos 14 anos, era assinado por Sílvio Caldas, muito amigo dele. Mas a primeira música que eu aprendi foi ‘Namoradinho de um amigo meu’. E olha que não era fácil, era em tom menor, tinha uma harmonia interessante...”, explica Zé Renato o início da sua relação com a Jovem Guarda. “O fato é que eu sempre, desde garoto, ouvia aquelas canções e, embora não fossem da minha praia, me interessava pelas letras diretas, simples, e pela beleza de muitas das melodias. Volta e meia eu imaginava aquelas canções tocadas à minha maneira”.

Ao receber uma encomenda para a trilha sonora da novela “A Favorita”, e sabendo tratar-se de uma trama e de uma trilha bem populares, logo veio a idéia de gravar algo da JG, quem sabe um velho sucesso de Roberto Carlos. E a escolha recaiu sobre a balada “O tempo vai apagar”, de Paulo Cezar Barros e Getúlio “Negro Gato” Côrtes, gravada pelo Rei em 1968. Calcada já no violão e nas harmonias de Zé Renato, a gravação emplacou na novela, agradou tanto ao cantor que o projeto enfim se consolidou: por que não fazer agora aquele alentado disco de Jovem Guarda pelo filtro *emepebístico* de sua voz e de seu violão?

“Seria um disco baseado no meu violão, na forma com que eu vejo e toco aquelas canções, mas eu precisava de alguém para me ajudar a dar uma sonoridade moderna ao disco, ao mesmo tempo pop e violonística”, diz Zé Renato, que para isso logo pensou em Dé Palmeira, ele próprio autor de um punhado de canções ao mesmo tempo pop e harmonicamente sofisticadas como “Mulher sem razão”, “Mais feliz”, “Preciso dizer que te amo”, entre outras, e que vem de uma rica parceria com Adriana Calcanhotto, da qual foi produtor em três CDs (entre os quais o sucesso “Adriana Partimpim”).

O produtor trouxe a “É tempo de amar”, além da sonoridade ao mesmo tempo pop, sofisticada e contemporânea, um grupo de músicos que seria a base de

todo o CD: o jovem pianista Roberto Pollo (que pilota teclados “vintage” como o Hammond, o Würlitzer), o guitarrista Ricardo Palmeira, além do próprio contrabaixo. Zé Renato sugeriu o baterista Marcelo Costa para todas as percussões e o experimentado Jota Moraes para os vibrafones. Tudo isso como uma base tranqüila, de sons requintados e contemporâneos para que o violão, a voz e os vocais de Zé Renato brilhassem, conduzindo as novas harmonias que inventou para as velhas canções da Jovem Guarda.

Ouçam, por exemplo, outro sucesso de Roberto Carlos, “Quero ter você perto de mim” (composição de Nenéo), cujo clima *jazzy* e minimalista, realçam a nova harmonização de Zé Renato, com direitos a acordes sofisticados (como o si bemol menor com sexta e baixo em fá que abre a canção) que transformam a velha balada quase numa peça de Tom Jobim (cuja melodia do “Sem você” é sutilmente citada logo no início).

O trabalho de, digamos, sofisticar as canções não se trata de desrespeito ou menosprezo à estética da Jovem Guarda. Zé Renato gosta daquelas canções como elas foram feitas, apenas propõe uma ponte cultural para o seu universo, o de um filhote da bossa nova e do Clube da Esquina. Assim, é emocionante ouvir uma canção que remete à infância de todo brasileiro como “É tempo de amar” (Pedro Camargo/José Ari), pinçada do filme-ícone do cinema pop brasileiro, “Roberto Carlos em ritmo de aventura”, cantada por Zé Renato de forma ao mesmo tempo tão reverente, emocionada e tão inovadora.

O repertório foi todo guiado pela memória emotiva de Zé Renato, que praticamente prescindiu de pesquisa. A balada “Coração de papel”, maior sucesso *jovenguardista* do sertanejo Sérgio Reis, atraiu pela beleza da melodia. O rock “Lobo mau”, versão lançada por Roberto Carlos em 1965, vem em interessante levada mais lenta e suingada para valorizar a letra direta, simples. Mais próximas do universo *emepebístico*, “Nossa canção” (Luiz Ayrão) e “A última canção”, ganham versões lapidares na voz de água limpa e corrente de Zé Renato.

Há, contudo, para além da recriação das velhas canções da Jovem Guarda, momentos no disco de alta tensão criativa e de pontes culturais inusitadas. A participação de Marcos Valle ao piano é um desses exemplos. Parceiro do produtor Dé Palmeira, Valle toca piano acústico em “Ninguém vai tirar você de mim” (Edson Ribeiro/Helio Justo), outro Roberto Carlos safra 1968. Curioso que em seu habitat de origem, a bossa nova, a despeito da sua alta qualidade musical, Valle é o autor das canções mais solares, mais comprometidas com a extroversão, a música de se ouvir no rádio, de se namorar ao som dela. Ou seja, o espírito mesmo da Jovem Guarda. E é curioso, também, como Valle acaba injetando com seu piano uma sofisticação inaudita para a velha balada pop, que ganha harmonia de gente grande.

Marcos Valle também participa, com seu endiabrado piano elétrico Rhodes, do rock “Não há dinheiro que pague”, outro sucesso do Rei composto por Renato “Blue caps” Barros. A música virou uma canção pop chique e contemporânea, com direito a luxuoso solo de Valle.

Também de Renato Barros é talvez a mais significativa das canções da Jovem Guarda, “Eu não sabia que você existia”, dueto criado por Leno e Lilian. Zé Renato apresenta aqui uma versão a altura da importância conceitual da canção, valorizando-a musicalmente com o violoncelo de Jaques Morelenbaum, e em dueto com a voz límpida e irônica de Nina Becker, da Orquestra Imperial. O resultado é contemporâneo e sacana, confirmam.

Por sugestão deste que vos escreve, Zé Renato fez outra ponte cultural importante ao redescobrir o único *iê-iê-iê* composto por Vinicius de Moraes, “Por você”, originalmente da trilha sonora do filme “Garota de Ipanema”, de Leon Hirszman, e gravada por Ronnie Von. Zé Renato não estava trazendo a Jovem Guarda para o universo da bossa nova? Então não poderia faltar a única canção Jovem Guarda, ainda que nitidamente paródica, feita pelo poeta maior da bossa nova. A produção de Dé Palmeira, baseada no violão *bossanovístico* de Zé Renato e nos instrumentos eletrônicos conduzidos por Marcos Cunha, dão a essa ponte cultural um ar de bossa nova européia contemporânea, um clima meio Nouvelle Vague, o grupo francês de música eletrônica que atualizou em bossa, por exemplo, velhos clássicos do punk rock.

Esse passeio maduro de Zé Renato por seu fascínio musical infantil gerou um disco inusitado, único. O cantor, que já passeou pelos universos musicais de Silvio Caldas (“Arranha-céu”, de 1994, e “Silvio Caldas 90 anos”, de 1998), Zé Kéti (“Natural do Rio de Janeiro”, de 1996), de Noel Rosa e Chico Buarque (“Filosofia”, de 2000), agora viaja para mais longe de seu universo musical. O fato é que a Jovem Guarda nunca mereceu um tratamento musical tão generoso e enriquecedor.

Hugo Sukman
Novembro/2008

Zé Renato
“É Tempo de Amar”
Lançamento: MP,B
Distribuição: Universal Music
Preço médio: R\$?
www.zerenato.com.br
www.myspace.com/zerenatominhapraia

Assessoria de Imprensa

Bebel Prates – bebelprates@uol.com.br – tel: (021) 3874 0544
Marcos Sassa – msassa@uol.com.br – tel: (011) 3032 4801